

O conceito de narcisismo virou moeda corrente nos cacotes da indústria cultural, ao custo, entretanto, de uma enorme perda semântica. O livro de Mônica do Amaral representa, antes de mais nada, a necessidade de contrariar as tendências de esvaziamento do conceito, recorrendo às suas fontes freudianas e aos apontamentos críticos de Adorno que puseram em destaque a sua importância política enquanto categoria de análise das modernas sociedades de massas.

A qualidade da publicação reflete-se na confecção do livro, desde a capa que reproduz uma tela de Schlemmer, *Quatro Figuras numa Sala*, aos aspectos gráficos da edição. O prefácio é de Ruy Fausto que explica os objetivos da autora, o desenvolvimento do tema e as potencialidades ou prolongamentos possíveis desse estudo teórico sobre o narcisismo através do uso de materiais históricos e da investigação das novas formas de subjetividade nas sociedades burocráticas do século XX.

A origem do tema pode ser encontrada em vários escritos frankfurteanos, sobretudo na *Dialética do Esclarecimento*, nos quais a ideologia do anti-semitismo foi considerada uma ideologia involuntariamente sincera ou uma mentira manifesta que nunca deixou de insinuar o recurso à força bruta e a promessa de partilha do saque de suas vítimas. De que adiantaria provar a falsidade do discurso ideológico do fascismo se ele não se pretendia verdadeiro? Além disso, o repertório pobre de idéias, a uniformidade repetitiva desse discurso e a sua ingenuidade desapontadora roubaram da crítica ideológica o seu próprio objeto, pois ela só seria possível com a condição do discurso apresentar um mínimo de racionalidade para o apoio da negação.

Na verdade, diante da eficácia psicossocial (mobilização) do fascismo, o que importou não foi o discurso, mas sim, o *desti-*

A face perversa do narcisismo moderno

Resenha de Mônica do Amaral, *O Espectro de Narciso na Modernidade – de Freud a Adorno*, São Paulo, Estação Liberdade, 1997, 191 p.

natário ou receptor que entrou em sintonia com a vociferação racista e com os disparates substitutivos de uma argumentação meramente plausível. A psicologia social do sujeito cativo foi, no caso do fascismo, a via de compreensão desse fenômeno ímpar de comunicação entre inconscientes que agendaram uma espécie de festim diabólico em nome dos *ideais da limpeza da raça*.

Ora, o que isso tem a ver com o narcisismo? Qual é a relação do narcisismo com o fascismo?

Adorno afirmou, em textos sobre os efeitos psicossociais do discurso fascista, que não poderia ter sido por mero acaso que em 1922, após a Primeira Grande Guerra, Freud tenha voltado a sua atenção para o narcisismo e para os problemas do ego, ou seja, para o surgimento de uma síndrome substitutiva das neuroses clássicas, tal como a histeria. As intuições teóricas de Freud teriam-no levado a perceber e a antecipar tendências ainda latentes num nível racional mas já manifestas num nível mais profundo.

Essas *novas tendências* atestavam não só a fragilidade do indivíduo mas também uma psicologia de massas com potencial para promover a adesão do sujeito frágil ao discurso da força totalitária, cuja expressão eufemística foi, sem dúvida, o *trunfo da vontade*.

O livro de Mônica demonstrou que ela levou a sério o problema levantado por Adorno: o perigo político da subjetividade narcísica. Levar a sério significou voltar aos textos clássicos de Freud sobre o assunto e tentar articular um ensaio metapsicológico sobre a psicologia de massas do fascismo, tomando como emblema da síndrome narcisista o caso da paranóia de Schreber, estudado por Freud e posteriormente, por Elias Canetti.

A articulação conceitual foi das mais complexas e difíceis, pois envolveu “a discussão da feminilidade, da oralidade canibal, da hipnose, do amor, da melancolia, da natureza do ego, das perversões, da paranóia”, segundo o prefácio de Ruy Fausto. Poderemos reduzir essa complexidade, no entanto, sem grandes danos para a leitura do livro, a um elemento estrutural e estruturante da psique narcísica: o mecanismo paranóide da falsa projeção, tematizado no quinto capítulo.

O conceito de falsa projeção, desenvolvido por Adorno e Horkheimer na *Dialética do Esclarecimento*, foi um dos elementos-chave da análise do anti-semitismo. Segundo os autores, ela se distingue da projeção

cognitiva, que é própria da percepção. A falsa projeção é a percepção distorcida, provocada pela ação das pulsões inconscientes. É possível mostrar, de modo caricatural, o que seja uma falsa projeção através de cenas do filme *Em busca do ouro*, nas quais um Carlitos franzino, pequeno e desnutrido é *visto* pelo seu companheiro de fome absoluta como uma enorme e gorda galinha pronta para ser perseguida e abatida sem dó.

Ora, dizer que existe o mecanismo paranóide de falsa projeção na síndrome narcisista não significa torná-la equivalente à paranóia, como o caso Schreber poderia estar sugerindo. Na verdade, essa síndrome torna o sujeito vulnerável à identificação fortemente idealizada com a figura paterna (e patética) do líder, ao mesmo tempo em que projeta nos *out-groups*, ou bodes expiatórios, a agressividade reprimida pela submissão total à autoridade idealizada.

A síndrome narcisista, como a autora nos permite concluir, é uma forma de subjetividade engendrada pelas tendências totalitárias das modernas sociedades de massas, bastando a política do Estado ou de grupos organizados acionar e adotar os mecanismos paranóides como forma de comando da sociedade. Quem é escolhido para inimigo é percebido como inimigo, pois o distúrbio está na incapacidade do sujeito narcisista discernir no material projetado entre o que provém dele e o que é alheio – um diagnóstico célebre de Adorno e Horkheimer na *Dialética do Esclarecimento*.

Iray Carone é professora aposentada do IPUSP e organizadora do livro *Psicanálise fim de século*, São Paulo, Hacker, 1998.